



PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP)
Departamento de Relações Internacionais Faculdade de Ciências
Sociais

Beatriz Peixoto Ponquio

Tese de Conclusão de Curso

A Política de Drogas Na Política Externa dos EUA: Suas Consequências
Para A América Latina E À População Estadunidense

São Paulo

2025

BEATRIZ PEIXOTO PONQUIO

A Política Externa Antidrogas dos EUA: Suas Consequências Para A
América Latina E À População Estadunidense

Tese de Conclusão de Curso pela
Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo

Orientador: Tomaz Oliveira
Paoliello

São Paulo

2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente dedico e agradeço ao meu falecido pai, Vanderlei, por sempre ter me acolhido, ter sido o meu melhor amigo por 17 anos, ter me amado e por sempre me encorajar a estudar e a nunca parar de buscar o conhecimento. Você foi essencial na minha vida e espero que esteja orgulhoso de mim. Agradeço também a minha mãe, Jaqueline, que me encorajou a estudar Relações Internacionais na PUC-SP, e sem ela, eu não estaria aqui tendo a oportunidade de realizar uma Tese de Conclusão de Curso. Sou muito grata também por todo o amor, carinho e conselhos durante todos esses anos.

Obrigada aos meus irmãos por serem minhas inspirações desde criança a buscar o saber e o conhecimento, Bruno e Felipe, e por todos os momentos de carinho. Agradeço a minha segunda mãe de criação, Silvana, ou “mãe Silvana”, em você busquei colo e abrigo quando mais necessitei e sou grata por você ter ajudado a me criar como ser humano.

Quero agradecer às minhas amigas que foram o meu alicerce e rede de apoio nos momentos mais difíceis da minha vida, e que me encorajaram a nunca desistir: Érica, Gabrielle e Rafael. Falando em amigas, sou extremamente grata à Helen e Letícia por terem feito da PUC um ambiente de acolhimento, ajuda, paz e momentos alegres.

Dedico essa Tese de Conclusão de Curso, também aos meus animais de estimação que me ajudaram a desestressar, me deram o carinho e amor que eu necessitava: Buddy, Juca e Babi.

Obrigada aos meus avós maternos e paternos, pelo carinho, amor e incentivo aos estudos. Espero que onde queira que vocês estejam, que vocês sintam orgulho da neta de vocês. E à minha avó viva, Marluce, obrigada pela sua doçura e ternura e que sempre me fez sentir amada. Por fim, agradeço ao meu avô Firmo pelo carinho e conversas intelectuais.

E quero agradecer ao meu Orientador e Professor Tomaz Oliveira Paoliello, por me ajudar a dar vida às minhas ideias, por me mostrar caminhos que enriqueceram o trabalho, e com isso, tomar corpo o tema que queria trabalhar desde o início.

RESUMO

Os números alarmantes de mortes por overdose de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas nos EUA, perduram já por mais de duas décadas. O país hoje vive a chamada “Epidemia de Opioides”, por drogas derivadas dessa substância serem as que prevalecem nas taxas de overdoses. Os Estados Unidos chegaram nessa calamidade, por culpa, principalmente, do próprio Estado, ao lidar com as drogas como algo a ser combatido ou militarizado. Depois do discurso em 1971, do ex-presidente Richard Nixon, deu início a “Guerra Às Drogas”. Desde então, o governo norte-americano culpou os países do Sul Global como responsáveis pelas drogas ilícitas que adentram o país, tendo como principal alvo, a América Latina. O combate e a militarização atingiram seus ápices em ações paramilitares em países como Colômbia e México. Porém a quantidade de opiáceos que adentram os EUA, são consequências do próprio Estado pela alta demanda de ópio.

Palavras-chave: Guerra Às Drogas. Epidemia de Opioides. Estados Unidos e México. América Latina. Heroína. Fentanyl.

ABSTRACT

The alarming numbers of deaths caused by overdoses from illegal and legal drugs in the USA, lasts from the past two decades. The country nowadays faces the so called “opioid epidemic”, since substances derived from opium prevails amongst the cases of overdoses. The United States came at this point for its own government by dealing with drugs as something to be combated or militarized. After president Richard Nixon speech in 1971, it begun the so called “War on Drugs”. Since then, the American government blamed the developing countries on the Global South as responsables for the entrance of illicit drugs on the country, having Latin-America as the main target for this speech. The combat and militarization reached its peak during paramilitary actions in Colombia and Mexico. But the quantity of illicit opioids that got into the USA are consequences of the State’s demands of opium derived substances.

Key-words: War on Drugs. Opioid Epidemic. United States and Mexico. Latin-America. Heroin. Fentanyl.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. A POLÍTICA EXTERNA ANTIDROGAS DOS EUA:	
2.1 Contexto histórico sobre o começo da “Guerra Às Drogas”	9
2.2 Plano Colômbia.....	12
2.3 Iniciativa Mérida.....	15
3. A EPIDEMIA DE OPIOIDES NOS EUA	
3.1 Introdução de Substâncias Derivadas do Ópio nos EUA.....	19
3.2 Uma Questão de Saúde Pública e Segurança.....	24
4. CONSEQUÊNCIAS PARA A POPULAÇÃO ESTADUNIDENSE...28	
5. CONCLUSÃO: COMO UM PROBLEMA DE POLÍTICA EXTERNA AFETA A POLÍTICA INTERNA DOS EUA.....	33
REFERÊNCIAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

Na primeira temporada da série de televisão “*Euphoria*” somos introduzidos no primeiro episódio à história da personagem principal, Rue. Rue é uma adolescente que enfrenta problemas psicológicos e lida com eles de uma forma não saudável, porém comum: abuso de substâncias químicas. No terceiro episódio vemos a personagem ser introduzida a uma substância específica: o Fentanyl. Em segundos após provar uma gota dessa substância, ela quase teve uma overdose (EUPHORIA, 2019, LEVINSON, EP. 3). A história de Rue, uma personagem fictícia, representa a realidade de muitos norte-americanos, independente da faixa etária, com a epidemia do ópio nos EUA atualmente.

Mas essa epidemia não aconteceu de repente, já que o abuso de substâncias derivadas do ópio, monopoliza o narcotráfico dentro dos EUA desde o começo dos anos 1990. Com a alta demanda por ópio tanto pelo narcotráfico quanto pelas indústrias farmacêuticas, o país procurou externamente um local que ao mesmo tempo há um plantio da papoula do ópio e que fosse também geograficamente próximo aos EUA. Assim, o México foi escolhido para a exportação do ópio para a indústria e o tráfico de drogas.

Consequentemente, os EUA faziam de mais um país latino-americano o seu alvo no quesito “Guerra Às Drogas”, assim como aconteceu com a Colômbia, Venezuela e até mesmo o Brasil. O resultado tem sido extremo, pois as relações diplomáticas entre México e EUA, vem sendo estremecidas, já que na visão estadunidense, o culpado pelo uso desenfreado e abusivo de opioides é o México. Entretanto esse relacionamento, já estava a ruir, quando o ex-presidente George W. Bush fez o acordo com o ex-presidente mexicano Felipe Calderón para implementar a “Iniciativa Mérida” no México.

Essa ação tinha como objetivo combater o narcotráfico na fronteira México-EUA, já que o México era o maior fornecedor de metanfetamina e heroína para os Estados Unidos. Esse comportamento da política externa estadunidense é um padrão ao combater o narcotráfico na América Latina, dado como exemplos ao combate a cocaína que teve como inserção o “Plano Colômbia” que afetou tanto a Colômbia, Bolívia, Peru e até mesmo Brasil, e com a “Iniciativa Mérida” concentrada do México.

Entretanto é visto que essas ações que são invasivas e que adentram territórios, não são efetivas, e apenas pioram o problema que é o narcotráfico e que dele derivam mais dois problemas: o de saúde pública e de segurança. Ademais, os que mais sofrem com as consequências dessas ações paramilitares, é a população latina, principalmente os latinos

periféricos, pobres e pretos. E assim, serve como pretexto para o governo norte-americano adentrar nesses países e controlar as forças policiais e os governos latinos.

Mas atualmente demonstra-se uma dicotomia em relação ao narcotráfico de opioides entre EUA e México: quem também está sendo amplamente afetado é a própria população estadunidense, com as altas taxas de morte por overdose. Mas como o Estado está enraizado no racismo estrutural, aqueles que sofrem a maior negligência, violência e aprisionamento são as populações periféricas e negras dos EUA. É a própria Necropolítica e o Necrocapitalismo (MBEMBE) acontecendo no próprio país.

Esse trabalho acadêmico tem como objetivo estudar e analisar como a Política Externa antidrogas é destrutiva para países do Sul Global, principalmente os que se encontram na América Latina, e que piora os problemas de saúde pública e de segurança nesses países, como o narcotráfico se fortalecendo, aumento de dependentes químicos e violência policial. Mas ao mesmo tempo, traz consequências para a população estadunidense, como a epidemia de opioides que assola o país atualmente, e, a violência policial.

Essa Tese será dividida em quatro partes para abordar o tema: primeiramente será analisada a história da “Guerras Às Drogas” com o discurso de Richard Nixon, e conseqüentemente, o padrão que o governo norte-americano segue para lidar com o narcotráfico nos América Latina, tendo como exemplo o “Plano Colômbia”, a exportação da violência para esses países e a “Iniciativa Mérida” que mostra como essa animosidade com o México começou.

Segundamente, como essas drogas derivadas de opioides estão presentes nos EUA desde o começo do século XX, e como isso levou a um problema de saúde pública e de segurança. Por último será abordado as consequências internas nos EUA, com a sua população comprometida com a epidemia de opioides, sendo atualmente causado principalmente pelo Fentanyl. E assim, como certos grupos sociais dentro da sociedade norte-americana são mais propícios a esse abuso de substâncias.

2. UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE ANTIDROGAS:

2.1 Contexto Histórico Sobre As “Guerras Às Drogas:

Em 1971, o então presidente dos EUA, Richard Nixon, fez o seu discurso para a mídia norte-americana na Casa Branca, afirmando que “o inimigo público número um do povo norte-americano, são as drogas” (NIXON, 1971). E assim, então, foi criado o termo “Guerra Às Drogas”, e tinha como alvo combater as drogas que estavam em alta na época, como: maconha, cocaína e heroína. No discurso, Nixon até comenta que “o abuso de substâncias aumentou após a Guerra do Vietnã quando os soldados voltaram para os EUA” (NIXON, 1971).

E houve dois tratados que envolviam o tema “Guerra Às Drogas” propostos pelos EUA: A Convenção das Drogas Psicotrópicas em 1971 e a Convenção das Nações Unidas contra o Tráfico Ilícito de Drogas Narcóticas e Psicotrópicas e a Convenção de Viena em 1998. Esses dois tratados somente aumentaram o proibicionismo acerca da questão relacionada às drogas, e segundo os autores Inkster e Comolli, na obra “*Drugs, Insecurity and Failed States: The Problems of Prohibition*”, foi de uma grande sacada política pelos EUA. (INKSTER, COMOLLI, 2012, pg. 42-43).

Já que “poucos governos contrapuseram desafios à abordagem proibicionista que orienta as três convenções internacionais”, e que fez até países que tinham visões políticas e econômicas distintas concordarem acerca desse assunto. Assim como aborda o autor Thiago Rodrigues em “*Narcotráfico e militarização nas Américas: vício de guerra*”: “o que faz do regime internacional de controle de drogas um raro consenso global a aproximar países que, na maioria das questões de política internacional, são antagônicos, como, por exemplo, os Estados Unidos e o Irã.” (RODRIGUES, 2012)

Entretanto, foi descoberto que a verdadeira motivação da Guerra Às Drogas, era de criminalizar a população negra dos Estados Unidos, ao atrelá-los ao consumo e tráfico de heroína, o que já é notado que o problema com drogas derivadas do ópio já estava circulando entre a população estadunidense desde a década de 1970. (RODRIGUES, 2012). De acordo com a autora Mercadante, no artigo “*Da Guerra Às Drogas Ao Plano Colômbia: uma agenda securitária dos Estados Unidos para A América do Sul*” em 1973 foi criado o DEA (Drug Enforcement Administration) agência que é a responsável pelas

políticas antidrogas dos Estados Unidos e que foi responsável pelas primeiras ações que aconteceram no México (MERCADANTE, 2018, p. 3).

Pois, foi com a “Guerra Às Drogas” e a criminalização das drogas, que o encarceramento da população negra aumentou drasticamente a partir dessa política e discurso. E a polícia federal norte-americana, que sempre foi violenta contra esse grupo social, tornou-se ainda mais violenta contra eles, e com isso, aumentando significativamente a violência policial e o racismo estrutural contra a população negra dos EUA.

De acordo com John D. Ehrlichman, assessor do ex-presidente Richard Nixon, a campanha presidencial tinha a população negra como inimigos; ao se fazer então uma associação entre negros e uma determinada substância ilícita, a securitização de um teria efeitos diretos sobre a insegurança de outro (SANTANA, 2017).

E ao mesmo tempo, ao dizer que “é preciso combater” transforma a questão das drogas em algo a ser securitizado. Ou seja, fez-se necessário que houvesse investimento do governo norte-americano em armas, treinamento das forças policiais pelos militares, e de agentes que aplicam a lei. (PEREIRA, VILLELA, 2019, p. 3).

Assim como Leone Henrique Rodrigues Santana explica na obra *“Discursos Na Construção De Inimigos: A Guerra Às Drogas Como Objeto De Intervencionismo E Repressão De Grupos Sociais”*: “A apresentação das drogas como sendo uma ameaça existencial, representa o ponto de alternância da questão que deixa de ser politizada e passa a ser securitizada, ou seja, deixa de ser tratada através de políticas normais e passa a ser tratada através de políticas especiais.” (SANTANA, 2017, pg. 267).

Esse discurso de Nixon, sobre o combate a guerras às drogas, foi perpetuado pelos presidentes seguintes. Sobretudo nos anos 1980 com o governo de Ronald Reagan (1981-1989), George H. W. Bush no fim da década 1980 (1989-1993), com Clinton ao final dos anos 1990, George W. Bush no início dos anos 2000 e com continuidade de Obama a partir de 2009. Segundo os autores Villela e Pereira, no artigo acadêmico *“Militarização do policiamento: abordagens críticas em perspectiva”* eles citam:

A narrativa da “guerra às drogas”, inaugurada nos anos 1970, teria ressurgido nos anos 1990 como importante justificador da militarização das polícias e da policialização das forças armadas nos Estados Unidos (VILLELA, PEREIRA, 2019, pg.3)¹.

Durante a administração de Bill Clinton, foi feito o acordo bilateral entre a Colômbia e os EUA, o “Plano Colômbia”, muito devido ao fato de que a população norte-americana estava pressionando para Clinton fazer algo contra o combate às drogas e pressão dos conservadores no Congresso. Assim Clinton fez um acordo bilionário com Pastrana de cerca de R\$7.5 bilhões de dólares.

O Presidente Clinton aprovou o Plano Colômbia como lei em 2000. Dentre os motivos que o levaram a aprovar o Plano estava a necessidade de responder às críticas dos Republicanos (que argumentavam que Clinton era brando no combate ao narcotráfico). (MERCADANTE, 2018, p. 8)

Logo após o 11 de setembro em 2001, a guerra às drogas fundiu-se com a “guerra ao terror”, e passou a tratar os grupos do narcotráfico com terroristas, o que ganhou até apoio da sociedade norte-americana (MERCADANTE, 2018, p.5). De acordo com a autora também, durante a administração de Reagan, foi quando o conservadorismo reinou nas políticas antidrogas, ao tratar da questão das drogas como um problema de segurança e não de saúde. Essa diretriz tomada pelo então presidente fez com que o tráfico de cocaína aumentasse em 1986.

Reagan também foi o responsável por disseminar a ideia de guerrilhas latino-americanas com o tráfico de drogas, as chamadas “narcoguerrilhas”. Esse discurso foi perigoso para a imagem da América Latina, já que a Guerra Fria ainda estava em vigência, e ao discursar sobre, coloca não apenas uma imagem de que as guerrilhas estão envolvidas com o narcotráfico, mas também que o narcotráfico está atrelado ao comunismo. O que foi uma fala impactante para a população estadunidense que abominou o discurso comunista.

¹ Conceito que o autor Kraska começou a trabalhar sobre na década de 1990, com a obra *“Militaryizing American Police: The Rise and Normalization of Paramilitary Units”*, onde ele cita ao explicar como funcionou esse treinamento da polícia norte-americana: “(...) “militarism” defined as a set of beliefs and values that stress the use of force and domination as appropriate means to solve problems and gain political power...” (KRASKA, 1997. pg.1).

Na administração de George W. H. Bush, o foco principal foi militarizar as drogas, ao deixar mais evidente em seu mandato a militarização do narcotráfico, com “a edição, em 1989, de outra diretiva, a *National Security Directive 18.*”, em que apresenta o narcotráfico como um problema para toda a região Latino-americana, e apresenta como resposta a esse problema, uma intervenção estadunidense nos países andinos, com a chamada “*International Counter narcotics Strategy.*” (MERCADANTE, 2018, p. 6).

Foi durante o governo de George W. Bush que o “Plano Colômbia” tomou ainda mais forças, já que o governo norte-americano via as FARC não somente como um grupo ligado ao narcotráfico, como também ligado ao terrorismo. A “Iniciativa Mérida” foi concebida através de um acordo com o governo mexicano do então presidente mexicano Felipe Calderón e durante a administração de Bush, porém esta foi acordada entre os EUA e o México em 2007.

2.2. Plano Colômbia

O consumo de cocaína aumentou drasticamente durante a administração de Reagan, o que fez os traficantes de cocaína fossem os novos alvos de combate para o governo norte-americano. E os colombianos obtiveram com o passar do tempo técnicas diferentes de manejar a folha da coca, e com isso, começaram a traficar a pasta-base de cocaína e vendiam através de grandes carregamentos internacionais (CORDEIRO, 2015, p. 125).

Em 1999, o presidente norte-americano da época, Bill Clinton, fez um acordo bilateral com a Colômbia, que estava sob a presidência de Pastrana, em que envolvia combater a guerra às drogas na Colômbia, país este que era responsável por 80% da cocaína que adentrava os EUA e Europa. Esse acordo foi denominado de Plano Colômbia, que também tinha no nome, mas apenas escrito em espanhol: “*Plan para la paz, la prosperidad y el fortalecimiento del Estado*”, como uma forma de demonstrar que o governo norte-americano e colombiano não tinha a intenção de somente combater as plantações de coca, de acordo com a autora Mercadante de “*Da Guerra às Drogas ao Plano Colômbia: uma agenda securitária dos Estados Unidos para a América do Sul*”.

Em 1998, o presidente do House International Relations Committee, o norte-americano Benjamin Gilman, afirmou que “the frightening possibilities of a narco-state just three hours by plane from Miami

can no longer be dismissed.” (BURT, s/d.). Para o governo norte-americano, a Colômbia representava uma séria ameaça à segurança nacional e regional. (MERCADANTE, 2018, p.8-9).

Segundo ela, em seu texto, o Plano tinha também um intuito social, por mais que fosse apenas 20% do orçamento para essas causas, já que “A estratégia de distribuição dos recursos era: 80% para o considerado “hard components” – ajuda militar, material, fumigação aérea, entre outros – e somente 20% para “soft programs” como alternativas de desenvolvimento sustentável.”. Assim é visto como o fator guerra e securitização é muito mais importante na visão norte-americana, e que esse “soft programs” apenas estão citados no Plano para desvencilhar o povo colombiano de que se trata majoritariamente de um combate de guerra. Ao invés de tratar da questão das drogas como uma questão social e de saúde.

Ainda que o Plano contemplasse propostas sociais, econômicas, políticas, jurídicas e de Direitos Humanos, o que prevaleceu como eixo central foi o caráter bélico, priorizando o combate no lado da oferta e ignorando problemas subjacentes como a demanda e o fortalecimento das instituições. (ROSEN, 2013; TATE, 2015; TICKNER, 2007).

Outro fator que corrobora com a narrativa de militarização e combate de guerra estadunidense, foi a ascensão das FARC como um grupo “narcoterrorista” dentro da Colômbia, e que já estava enfrentando o governo colombiano na época, já que durante o governo de Pastrana, por este priorizar a paz e diálogos diplomáticos, tentou diálogos com as FARC, e conseguiu que algumas regiões da Colômbia fossem desmilitarizadas para esses diálogos acontecerem.

Nos EUA, encarou-se com grande preocupação a intenção de Pastrana de promover as negociações de paz com as FARC; nesse período, o Congresso norte-americano aprovou uma resolução que estipulava o corte da assistência antinarcóticos a Colômbia, caso as iniciativas de Pastrana e o plano proposto de conceder uma zona desmilitarizada às FARC interferissem no processo de erradicação das plantações de coca. (ROSEN, 2013, TICKNER, 2007).

Entretanto, esses esforços por parte do então presidente colombiano, não resolveram internamente os problemas com a guerrilha, já que as FARC tomaram as áreas desmilitarizadas que Pastrana tinha conseguido. Somando a isso, quatro cidadãos norte-americanos foram executados pela guerrilha, como uma tentativa das FARC de que as relações diplomáticas entre Colômbia e EUA rompessem. Porém, com a falência das tentativas do governo colombiano contra as FARC, e após o episódio de execução de quatro cidadãos estadunidenses, George W. Bush, decidiu investir mais no Plano Colômbia e como estratégia de combate ao narcotráfico para outros países andinos. (SILVA, 2015, p. 128).

Com o acontecimento da execução de quatro americanos, pelas FARC, a Colômbia entrou como prioridade número um dentro da América Latina, pois viam na guerrilha o narcotráfico e o terrorismo juntos, e que seria “o conflito colombiano é a maior ameaça terrorista do hemisfério ocidental, na qual a interferência do governo estadunidense é apresentada quase que como um dever, como anuncia o Procurador Geral dos EUA, John D. Ashcroft.” (MERCADANTE, 2018, p. 12).

Além da Colômbia, o Plano tinha como intuito levar essa militarização por parte dos EUA para o Equador, Peru e Bolívia. Entretanto, mesmo com um acordo bilionário entre dois países e que ainda foi imposto também aos países andinos, os próprios norte-americanos não viam como os governos desses países poderiam resolver a questão do narcotráfico por causa de suas instituições internacionais.

Ademais, o consumo da folha de coca aumentou durante o Plano Colômbia, além do tráfico de maconha e papoula de ópio nesses países, e com as FARC tornando-se forte o suficiente para se espalhar para outros países também, principalmente aqueles que fazem fronteira com a Colômbia, como o Brasil, por exemplo. E com as proporções que o narcotráfico e as FARC estavam tomando, Bush investiu mais de 1.4 bilhão de dólares, com apoio do Congresso em uma nova invasão e interferência na Colômbia e região andina, a chamada “Iniciativa Andina”. E em 2003, sob a administração do governo de Uribe, grande parte dos acampamentos e aldeias das FARC foram destruídos, assim como destruição de laboratórios e apreensão de drogas em massa.

Por fim, o governo de Uribe, apenas confirmou aos EUA que a política externa antidrogas deles é eficiente, e que países latino-americanos não conseguem resolver essas

questões internamente, colocando assim, todas as invasões e militarizações estadunidenses como a melhor e mais eficiente forma de lidar com a questão das drogas, sendo que o narcotráfico continua a existir, ao dizer:

“el gran enemigo de la democracia colombiana es el terrorismo y el gran aliado para derrotar el terrorismo ha sido el pueblo y el Gobierno de los Estados Unidos.” (Discurso de Álvaro Uribe na Colômbia, 2005). (MERCADANTE, 2018, p.12).

2.3. Iniciativa Mérida

Para dar continuidade à política externa antidrogas para países latino-americanos, pois financiamentos em termos de securitização só aconteciam para países do Sul Global, o governo norte-americano, durante a administração de George W. Bush, em 2007, foi feito o acordo bilateral entre EUA e México, com o então presidente mexicano, Felipe Calderón. A Iniciativa Mérida tinha como objetivo, segundo o autor Bruno Borto Bernardi, no texto “*A Guerra Mexicana contra o Narcotráfico e a Iniciativa Mérida: Desafios e Perspectivas*”, “o combate do narcotráfico, das organizações criminosas transnacionais envolvidas nesse lucrativo negócio e em outras atividades delitivas como o tráfico de armas e de pessoas.” (BERNARDI, 2010).

O acordo na verdade foi inicialmente proposto pelo próprio presidente mexicano, Felipe Calderón, e foi atrás do governo norte-americano para combater o narcotráfico que acontecia dentro de sua fronteira. E essa proposta foi quase perfeita ao olhar estadunidense para a Guerra Às Drogas, já que o México é o país fronteiriço dos EUA, e que é por essa fronteira que o narcotráfico entre ambos os países acontece, e por onde grande parte das drogas que adentram o território norte-americano.

O México é um importante produtor e fornecedor de heroína, metanfetaminas e maconha para o mercado norte-americano, e o mais importante país de trânsito da cocaína vendida nos Estados Unidos. Desde que o governo norte-americano teve êxito, no final dos anos 80, em diminuir o volume de drogas que chegava ao seu território pela rota do Caribe, da Colômbia

a Miami, o México se converteu no território mais importante de trânsito de drogas para o mercado norte-americano. (BERNARDI, 2010).

Entretanto, esse acordo bilateral prometia não ser como o Plano Colômbia foi, pois não se tratava da utilização direta das forças militares estadunidenses, mas sim “ela se centra no oferecimento de apoio a atividades de inteligência e em programas de modernização do funcionamento das agências de segurança e de justiça mexicanas, com programas de capacitação, treinamento e transferência de equipamentos especializados.”. Ou seja, mais uma ação invasiva dos EUA em um país da América Latina, pois ao “treinar e capacitar” a polícia do México, o governo norte-americano está indiretamente fomentando a violência policial no México.

A Iniciativa Mérida foi acordada em 2007, mas começaria de fato apenas no ano seguinte, em 2008. O orçamento dessa Iniciativa foi de cerca de 1,4 bilhões de dólares, ou seja, uma gigantesca quantidade de dinheiro público norte-americano sendo destinado a ações militares em outros países, ao invés de investir internamente esse dinheiro com a sua população, como ajudar a criar um sistema público de saúde, já que os EUA não têm e isso apenas gera dívidas em sua população.

Logo em 2007 o Congresso americano aprovou o orçamento para a Iniciativa, e em 30 de junho de 2008, a Iniciativa Mérida, começou de fato. Quando se trata de Política Antidrogas os EUA conseguem mobilizar as instituições do país por quase que completo, já que o narcotráfico é visto como terrorismo pela sociedade estadunidense.

O financiamento provém de três fundos orçamentários: International Narcotics Cooperation and Law Enforcement (INCLE), administrado pelo Departamento de Estado; Foreign Military Financing (FMF), administrado pelo Departamento de Defesa; e o Economic Support Fund (ESF), administrado pela Agência de Cooperação Internacional dos Estados Unidos (USAID) (Seelke, 2010). (BERNARDI, 2010.).

E assim como aconteceu na Colômbia, com o Plano Colômbia, o governo mexicano propôs a Iniciativa Mérida, pois se achavam incapazes de acabar com a questão do narcotráfico dentro de seu próprio país. Até porque, Felipe Calderón conseguiu se eleger como presidente do México em 2006, por causa de seu discurso antidrogas e de que acabaria com o narcotráfico no país. “O tema de segurança nacional mexicana converteu-

se, assim, no assunto dominante da relação bilateral, e a Iniciativa transformou-se num dos principais eixos da política externa calderonista, tomando o lugar que antes fora ocupado, na política externa do governo Fox (2000-2006)” (BERNARDI, 2010). Assim, como é comentado no texto de Bernardi:

Felipe Calderón foi eleito em 2006, em uma eleição apertada, porém com uma vitória por 0,5%. Como um de seus objetivos de mandato a presidente foi de combater e eliminar o narcotráfico, assim fez o acordo com George W Bush em 2007 que visava injetar quase 40 bilhões de dólares na Iniciativa Mérida no México. (BERNARDI, 2010).

Em 2009, o então presidente Obama, deu continuidade à Iniciativa e apoiava o governo de Calderón, entretanto, a Iniciativa começou a demonstrar a sua ineficácia, assim como qualquer tentativa através da securitização e da militarização contra as drogas mostra: a inutilidade perante o problema proposto, e por não investirem em políticas sociais e de saúde, faz com que a violência e o próprio narcotráfico aumentassem.

Ao se analisar os resultados obtidos até aqui pela Iniciativa Mérida, inserindo o programa dentro dos marcos mais gerais da guerra contra o narcotráfico empreendida pelo governo Calderón, fica claro, no entanto, que a estratégia militarizada de combate frontal do governo mexicano não foi capaz de diminuir a narco-violência no país ao longo desse período. Em vez disso, assistiu-se a uma maior penetração e corrupção do Estado pelos cartéis e a uma escalada da violência. (BERNARDI, 2010).

E por mais que, o Obama tenha dado continuidade ao programa, estendendo-o até 2011, e com investimento de mais de 310 milhões de dólares, a iniciativa foi uma guerra falida, pois a violência aumentou, o narcotráfico tornou-se mais violentos e a corrupção dentro do Estado ficou ainda mais à tona. A cidade de Juarez no México em 2010, foi considerada a cidade mais violenta do mundo.

Assim, é visto como a história da política externa antidrogas dos EUA, se mostra repetitiva, com governos desde 1971 até meados dos anos 2010, com a mesma abordagem no que se refere às drogas, mas não somente dentro de seu próprio Estado, que também sempre se mostrou com uma repressão policial estratégica para certos grupos sociais

minoritários, muitas vezes que estão à margem do Estado. Mas principalmente, com os países externos, e mais especificamente, com os países latino-americanos.

O padrão que o governo norte-americano segue é: tentar adentrar na política daquele país, sugerir algum tipo de investimento bilionário e transnacionalizar o modus operandi da polícia estadunidense, esta que é reconhecida por ser uma das mais brutas do mundo. E assim que estiver “dentro” desse país alvo, a partir de algum programa ou acordo bilateral, apoiar certos governos e impor as políticas antidrogas através dos preceitos ideológicos dos EUA. E, conseqüentemente, esses “planos” ou “iniciativas”, não prosperam, pela falta de reconhecimento do problema das drogas como uma questão de saúde pública e social e do aumento de programas que levam em consideração apenas a securitização e militarização dentro desses países.

3. A EPIDEMIA DE OPIOIDES NOS EUA:

3.1. Introdução sobre a Metanfetamina e Substâncias Derivadas do Ópio

A metanfetamina, substância que teve o “boom” entre a população norte-americana nos anos 1990, que inicialmente, era utilizada e traficada por “gângues” de motociclistas no começo da década de 1990, porém a fabricação dela em laboratórios no México, onde era produzida com maior qualidade, fez com que a droga se popularizou rapidamente, e conseqüentemente, a demanda pela droga feita no México aumentou. (BROUWER, CASE, RAMOS, et al. 2006. p.4). E essa droga, teve um tráfico tão grande e com um número de dependentes químicos nos EUA, que foi uma das drogas que tentou ser “combatida” na Iniciativa Mérida.

Mas o número de usuários não aumentava somente dentro dos EUA, como também compromete a população mexicana, principalmente aquela que vivia perto da fronteira com os EUA, local em que o narcotráfico acontecia e ainda acontece. O uso de drogas sintéticas, teve um aumento de uso no começo da década de 1990 por jovens. Além desse motivo, grande parte da entrega de metanfetamina acontecia nessas cidades fronteiriças, como Tijuana. Pela alta circulação da droga em Tijuana, o uso da substância tornou-se maior em relação a outras cidades mexicanas, principalmente na população jovem (BROUWER, CASE, RAMOS, et al, 2006, p.5).

Tijuana is the city with the highest consumption of illicit drugs in the country, with the next highest being the northern border city of Ciudad Juarez at 9.2% (SSA, 1998). Between 90–95% of injection drug use in Mexico is believed to occur in cities where illicit drugs are produced or trafficked. (BROUWER, CASE, RAMOS, et al, 2006, p.5).

O uso da metanfetamina popularizou-se em outras cidades mexicanas depois, como no estado de Baja California, Juárez, Sinaloa e Sonora. Com isso, o tráfico e o aumento de usuários de metanfetamina, tornou-se um problema de saúde pública para o governo mexicano. A forma de uso da metanfetamina é através da inalação da substância ou o uso injetável, o que pode ser um motor para doenças transmitidas através do sangue, como o HIV, pois há um comportamento comum entre os usuários de compartilhar agulhas. (BROUWER, CASE, RAMOS, et al, 2006, p.8).

Antes de ter o “boom” da heroína na década de 1990 nos EUA, o opioide mais utilizado pelos norte-americanos era a morfina. O fumo de ópio e a ingestão de comprimidos de morfina eram drogas comuns no final do século XIX e até meados do século XX. Mesmo após uma restrição maior em relação à prescrição de morfina para pacientes que sofriam desde doenças terminais até dores crônicas, muitos médicos ainda prescreviam morfina aos pacientes, chamados de “dope doctors”, que por um certo preço faziam a prescrição médica da morfina (COURTWRIGHT, 2001, p. 104). E durante os anos 1920, por causa de uma restrição maior para o consumo da morfina, a heroína foi a droga ilícita “perfeita” para aqueles já viciados em morfina, mas não que tinham condições de pagar pelas receitas médicas e a droga nas farmácias, já que os preços aumentaram depois do “*Harrison Act*”. (COURTWRIGHT, 2001, p.104)

Outra droga amplamente utilizada pelos estadunidenses, principalmente na década de 1990, é a heroína. A heroína é uma droga derivada do ópio, e sua origem remete ao final do século XIX, quando na Alemanha um farmacêutico da Bayer sintetizou a morfina com o objetivo de conseguir um medicamento que aliviasse a tosse provinda da tuberculose. Com isso foi criada a heroína, porém os químicos e farmacêuticos notaram um efeito colateral indesejado nos pacientes alguns anos depois: cada vez que utilizavam a droga, eles necessitavam de doses maiores por conta do vício gerado. (ONU, 1953.).

Essa utilização da heroína para tratamento de tosses crônicas no começo do século XX em prisioneiros, porém como efeito colateral, eles também sentiam euforia ao experimentar a droga, e relataram a experiência que tiveram ao usar a heroína para os seus conhecidos fora das prisões. Assim, em 1915, a heroína já tinha se espalhado para as maiores cidades dos EUA, tendo como a principal cidade Nova York (COURTWRIGHT, 2001, p. 99). O que contribuiu também foi a maior restrição ao acesso à morfina, fazendo com que barateie a heroína em comparação a primeira:

Not only was heroin less expensive, it was also stronger and faster acting than morphine when administered in a comparable manner. Even though it was adulterated, heroin was “cheaper for the amount of kick in it,” as one narcotic agent phrased it. Finally, heroin could be injected or sniffed, the latter method appealing to new or potential users who might be needle-shy. (COURTWRIGHT, 2001, p. 105).

A heroína também foi usada por soldados norte-americanos durante a guerra do Vietnã, como uma forma de lidar com a dor dos ferimentos. E essa notícia espalhou-se para a população estadunidense, e ao ver o grande número de viciados e vítimas da dependência química causada por essa substância, muitas vezes para lidar com as dores crônicas causadas pelo combate, o presidente Nixon em 1971, com as eleições presidenciais chegando em 1972, aproveitou a oportunidade para sua campanha eleitoral ao discursar sobre “A Guerra Às Drogas”.

A partir de 1993, o tráfico de heroína começou a vir do México, e foi na década de 1990 que houve nos EUA a “epidemia de opioides”, já que o uso da heroína cresceu exponencialmente na época. Nos anos 1990, não era somente o México o principal fornecedor de heroína para os EUA, pois existia uma competição com a heroína produzida na Colômbia. Com o passar dos anos, a heroína mexicana tornou-se a principal, já que a plantação da papoula do ópio no México é muito maior que a que acontecia na Colômbia. Assim como é explicado no artigo “*Poppies, Opium and Heroin: Production in Colombia and Mexico*” de Guillermo Andrés Ospina, Jorge Hernández Tinajero, Martin Jelsma:

(..) but since the mid-1990s, Latin American heroin has dominated the illicit market, roughly divided between white powder heroin produced in Colombia primarily consumed east of the Mississippi River, and black tar or brown powder coming from Mexico in the west. (OSPINA, TINAJERO, JELSMA, 2018, pg. 26)

Essa demanda pela heroína latino-americana, mas principalmente a que provinha do México, fez com que o cultivo da papoula do ópio aumentasse no país, além da demanda pela indústria farmacêutica norte-americana: “Mexican poppy production has developed alongside demand in the North American market, at least where poppies are destined for consumption in the form of opium or its derivatives. In Mexico, consumption has been marginal, and although it does exist --primarily along the northern border -- it is insignificant in comparison to U.S. demand.” (OSPINA, TINAJERO, JELSMA, 2018, pg. 23).

A outra droga que nessa época popularizou-se foi o medicamento Oxycotin, criado pela Purdue Pharma com a premissa de que a droga seria “cem vezes mais potente do que a morfina”. (DEA, 2024). Ao passar do tempo em que os médicos começaram a prescrever esse medicamento, os pacientes começaram a demonstrar vício pela substância,

utilizando-o para aliviar qualquer de sintoma de dor. Esse é um exemplo de “Necrocapitalismo” que o autor Mbembe, criou ao discursar sobre como o capitalismo ganha vantagem ao criar uma demanda para um problema inicialmente inexistente (MBEMBE, 2016), para assim, conseguir ter o poder de escolher de quem “viverá” ou de quem sofrerá com as consequências dessa droga.

Essa empresa farmacêutica ao criar esse medicamento que já provém do ópio, uma substância que é altamente viciante, e tem a promessa de ser “cem vezes mais forte do que a morfina” sabia do risco de a droga ter um potencial para o risco de dependência e que causaria abuso medicamentoso pelos usuários. Sendo assim, na década de 1990, a epidemia de opioides tinha como drogas: a heroína, a metanfetamina e a droga lícita OxyContin para criarem a calamidade, que é a “epidemia de opioides”.

(...) the opioid drug OxyContin, from Purdue Pharma, launched in 1996, is a paradigmatic case. It demonstrates that the articulation between pharmaceutical corporations and the U.S. Food and Drug Administration (FDA), the federal agency responsible for authorizing the marketing of drugs in the country, resulted in a huge expansion of the use of opioids. (PEREIRA, 2020).

Com a alta demanda por ópio para tanto produzir as drogas lícitas, o OxyContin, por exemplo, quanto as ilícitas (metanfetamina e heroína), o cultivo da papoula do ópio passou a dominar os carteis mexicanos, já que as drogas derivadas desta planta, eram rentáveis para o narcotráfico. E, conseqüentemente, as cidades perto da fronteira dos EUA sentiram a violência e o crime aumentar, já que o plantio da papoula se concentra perto da fronteira México-EUA, assim como é abordado pelo texto acadêmico “*Pains, Guns and Moves: The Effect of the US Opioid Epidemic on Mexican Migration*” dos autores Gianmarco Daniele, Marco Le Moglie e Federico Masera.

violence soared among drug cartels to control these more profitable areas. The increase in violence is followed by an increase in migration, which suggests that violence pushed people to migrate out of these areas (both within Mexico and to the US). (DANIELE, LE MOGLIE, MASAFERA, 2022, pg.2)

Assim, na década de 1990 até a década de 2010, houve um aumento na migração mexicana dentro do país, com a população que vivia em cidades ou estados próximos à fronteira México-EUA, escolhendo morar em regiões mais afastadas da fronteira para fugir da violência dos cartéis. Isto posto, houve o aumento da imigração mexicana para os EUA, também da população que já vivia perto da fronteira, e que queriam escapar desse ambiente hostilizado (DANIELE, LE MOGLIE, MASAFERA, 2022, pg. 2).

However, we do find an increase in different measures of violence, particularly those related to drug cartels.⁸ This evidence supports the idea that violence induced by the heroin demand shock forced people to emigrate in search of safer places within and outside Mexico. (DANIELE, LE MOGLIE, MASAFERA, 2022, pg.4)

Nesse período, de 1990 até 2010, foi o ápice da produção de substâncias derivadas do ópio, já que a partir de 2010, o FDA para diminuir a letalidade e vício que a droga OxyContin fazia, eles obrigaram as empresas farmacêuticas a reformularem o medicamento, para que o tornasse menos viciante. Porém, por mais que essa ação do FDA tenha dado certo ao alterar a fórmula da droga, ao mesmo tempo, aqueles que já eram dependentes químicos precisavam de uma substância mais potente, e assim passaram a consumir a heroína (DANIELE, LE MOGLIE, MASAFERA, 2022, pág.8).

Entretanto, a partir de 2013, uma nova substância derivada do ópio começou a ganhar popularidade entre os dependentes químicos de OxyContin e heroína, que é o fentanyl. Essa droga ilícita, têm sido na última década, a principal causadora de overdoses nos Estados Unidos, como explica Pereira: “Deaths from overdoses of fentanyl and other synthetic opioids jumped from just over 3,000 in 2013 to almost 20,000 in 2016, an approximate expansion of 660 percent.” (PEREIRA, 2020).

Segundo uma matéria feita BBC News, de 2025, sobre como o fentanyl entra nos EUA, os carteis mexicanos, como o de Sinaloa, por exemplo, compra os insumos para produzir a droga da China. “The chemicals used to make fentanyl are sourced from China by traffickers and turned into the finished product in labs in Mexico before being smuggled into the US.”.

O fentanyl também causou problemas de dependência química e um aumento no número de overdoses no México, especialmente nos estados mexicanos que ficam próximos a fronteira dos EUA, onde os carteis realizam o contrabando do México para os Estados Unidos. Os moradores desses estados como Sinaloa, Baja California e Juárez ficam vulneráveis ao narcotráfico na região, e pela alta quantidade da droga que se encontra nesses lugares, maiores são as chances de terem dependentes químicos de fentanyl (BAUTISTA, MEDINA-MORA, 2024).

3.2 Um Problema de Saúde Pública e De Segurança

Em 2017, o governo norte-americano decretou que a “epidemia de opioides é além de um problema de saúde pública, um problema de segurança com dimensões internacionais”, destacando com esse discurso, o alto número de overdoses que os opioides causam na população e “o problema de segurança com dimensões internacionais”, é a culpabilização de um grupo que é o grande responsável pela epidemia de opioides nos EUA: A América Latina (PEREIRA, 2020).

O problema visto como uma crise de saúde pública também é citado no texto “*Pain, guns and moves: The effect of the U.S. opioid epidemic on Mexican migration*”, quando o autor menciona na página 7: “Within a few years, the epidemic of overdose deaths from heroin abuse became a serious public health crisis in the United States”. No texto “*The economic burden of abuse of prescription opioids: a systematic literature review from 2012 to 2017*” dos autores Marcia Reinhart, Lauren Scarpati, Noam Kirson, et al., demonstra um gasto maior no sistema de saúde ao tratar pacientes que abusam de drogas opioides.

economic burden from the mid1990s to 2014 and their conclusions reflect the expanding impact of opioid abuse on patients, health systems, and payers [9–11]. These reviews have concluded that opioid abuse is characterized by high societal costs (over US\$50 billion in the USA) and is associated with higher medical utilization and direct healthcare costs compared with the general insured population. (REINHART, SCARPATI, KIRSON, et al. 2018, p. 2)

As consequências de saúde pública em relação a epidemia de opioides, não afeta somente os EUA, mas pelo aumento considerável na produção de fentanyl no México, a partir de 2020, é notada entre a população mexicana, um aumento no uso e abuso dessa substância misturado com outras drogas. O que é algo inédito, pois durante a produção de heroína para o tráfico da droga para dentro dos EUA, a heroína não era muito consumida entre os mexicanos (BAUTISTA, MEDINA-MORA, 2024).

2023. For the first time, we detected the presence of xylazine in 20% of the 300 samples of heroin and fentanyl analyzed using mass spectroscopy. This same year we also found a rapid increase in fentanyl use, seven out of ten samples contained this opioid, polydrug use with methamphetamines, coupled with overdoses, which the population unsuccessfully tried to reverse with water and salt, and an increase in the HIV index from 4.5% to 11% among PWID who used fentanyl and/or methamphetamines and the development of skin abscesses that were more difficult to cure. (BAUTISTA, MEDINA-MORA, 2024).

Ou seja, nota-se que além do aumento no consumo de fentanyl, é visto que é uma droga que as pessoas acabam misturando com outras substâncias, o que faz com que as chances de acontecer uma overdose aumente. Esse consumo no fentanyl no México, é explicado pela alta circulação da droga dentro dos estados mexicanos que ficam perto da fronteira com os EUA. (BAUTISTA, MEDINA-MORA, 2024).

Segundo a matéria do National Institute of Drug Abuse, os traficantes de drogas começaram a misturar fentanyl com cocaína, metanfetamina, heroína e até maconha, o que faz com que o usuário dessas drogas fique cada vez mais dependente destas mesmas, sem perceber que está ingerindo fentanyl concomitante. Assim a epidemia não acontece somente entre a população estadunidense, mas também com a mexicana:

These results revealed a complex, challenging reality: fentanyl consumption spread rapidly along the northern border, like no other adulterant or psychoactive substance ever recorded in Mexico and showed how (..) this health crisis shared with the United States. (BATISTA, MEDINA-MORA, 2024).

Segundo o autor Paulo Pereira, para os Estados Unidos, como a plantação da papoula do ópio é feita no México, consequentemente, o tráfico é responsabilidade deles, e sendo assim, os culpados pelas drogas derivadas do ópio estão com alta demanda nos EUA. Somando a isso, o governo americano culpa também outros países latinos, como a Colômbia, Equador e a Guatemala, por algumas drogas ilícitas chegarem ao território norte-americano pelo ar. (PEREIRA, 2020).²

Entretanto, o DEA não coloca em questão que a epidemia de opioides tornou-se um problema de saúde pública, pela alta quantidade de heroína dentro do país, fazendo com que o preço da droga abaixasse e, consequentemente, os dependentes químicos conseguissem comprar a heroína por um preço menor. Somando a isso, a epidemia alastrou-se ainda mais pela falta de controle da prescrição médica de OxyContin pelo FDA, com fácil acesso à medicação por médicos, farmácias e contrabando de prescrições médicas por pacientes já dependentes da droga (PEREIRA, 2020.).

No que tange à América Latina, o governo norte-americano criou todo um sistema para criminalizar a população latina dentro dos EUA. Com essas ações que os Estados Unidos tomam contra a comunidade latina, o Estado norte-americano consegue manter um aparato Estatal ao condenar criminalmente essa minoria social dentro do país, através do DEA, e a utilização de outros aparatos estatais como: as empresas privadas de segurança, armas, prisões e entre outros (PEREIRA. 2020).

Crime is “productive”; it propels the criminal justice system and the diverse security industry, including arms manufacturers and surveillance technologies, lawyers, private security companies, prisons, and any number of other activities. The cost of the U.S. correctional system at the federal, state, and local levels in 2010 was US\$80 billion, an increase of 350 percent in relation to 1980 while per capita expenditures increased by approximately 250 percent during the same period. (PEREIRA, 2020).

² “For their part, according to the DEA, the Dominicans, articulated with Mexican and Colombian criminal groups, are responsible for promoting the distribution of opioids in the United States along the country’s East Coast, including controlling retail trade in major cities such as New York, Philadelphia and Boston.” (PEREIRA, 2020).

Com essa política de “guerras às drogas” voltadas para a população latina dentro dos EUA, resultou em um aumento de encarceramento dessa população, com muitos presos ainda esperando o seu julgamento. Mais uma vez, é notório como a Necropolítica de Mbembe, explica tais acontecimentos, pois esses encarceramentos em massa da população latina e os gastos bilionários com os aparatos estatais para estigmatizar ainda mais essa população, mostram como o Estado escolhe quem irá viver e ter seus direitos assegurados, e quem será morto, negligenciado de seus direitos humanos e marginalizados no sistema. (MBEMBE, 2016).

4. CONSEQUÊNCIAS PARA A POPULAÇÃO ESTADUNIDENSE

As drogas tanto lícitas quanto as ilícitas vêm ao longo das últimas duas décadas, assolando a população norte-americana, principalmente com o abuso de substâncias derivadas do ópio ou que são sintetizadas a partir da morfina, como a heroína. Por consequência, os EUA vêm sofrendo da chamada “epidemia de opioides”, com dependentes químicos de drogas lícitas como a OxyContin e das drogas ilícitas, como atualmente é a droga fentanyl.

O problema com opioide nos EUA sempre foi alarmante, visto que, desde meados do século XIX o fumo do ópio e a morfina eram amplamente utilizados, como conta o autor David Todd Courtwright em *“Dark Paradise: a history of opiate addiction in america”*, e que após o “Harrison Act” e o FDA, a prescrição de morfina diminuiu, entretanto continuava sendo prescrita com incidência. E, para suprir aqueles que já estavam quimicamente dependentes de morfina, passaram a usar a heroína. (COURTWRIGHT, 2001, p. 105).

E no final dos anos 1980, a Purdue Pharma cria a droga OxyContin, mais poderosa que a morfina e que estava sendo altamente prescrita por médicos para pacientes com doenças terminais, como o câncer, ou que apresentavam dores crônicas, porém como todo opioide, é uma droga viciante com riscos de dependência química. E a falta de ética por parte dessa empresa farmacêutica, permitia que até crianças de 14 anos poderiam tomar. Na década de 1990, o estrago já estava feito ao lançarem a droga e os médicos começarem a prescrevê-la.³ (PEREIRA, 2020).

O grande problema e risco com opioides é que são substâncias altamente viciantes, que afetam O Sistema Nervoso Central, e “sequestram” os hormônios recompensantes do cérebro, como a serotonina e dopamina, que normalmente são sentidos e liberados no

³ “Between 1999 and 2018, the quantity of prescribed opioids sold in pharmacies, hospitals, and medical offices practically quadrupled, although there was no change in the “amount of pain” reported by Americans (CDC, 2020a). (...) the percentage of opioids available per patient severely suffering from health problems in 2015 in the United States was 31 times greater than necessary (Knaul et al., 2017: 1).” (PEREIRA, 2020)

cérebro quando comemos, abraçamos alguém que amamos ou quando fazemos qualquer atividade que traga prazer e felicidade.

Então o que a substância derivada do ópio ou o próprio consumo de ópio faz, é dar essa sensação de prazer instantânea para o usuário. Porém se a pessoa usa opioides por muito tempo, o cérebro se acostuma com a quantidade que ela está ingerindo, e os efeitos de relaxamento e euforia, não funcionam mais. Por consequência, o usuário precisa de uma dose maior para ter o alívio dos sintomas da abstinência ou para voltar a sentir os efeitos recreativos com a mesma potência de antes.

Na mídia estadunidense o tema sobre o vício em drogas é recorrente, porém uma série de televisão norte-americana que retrata a vivência de um dependente químico de opioides, é a série “*Euphoria*” com a história da personagem principal, a Rue. Ela é uma adolescente que teve acesso aos opioides quando ainda tinha treze anos, ao cuidar de seu pai com câncer terminal, e para lidar com a dor aguda os médicos prescreveram OxyContin ao pai de Rue. Sem a supervisão de mais nenhum adulto, e por curiosidade acerca do que o pai tomava para lidar com as dores, ela ingere a droga. (EUPHORIA, 2019).

Em minutos, a sensação de relaxamento e euforia são sentidas pela personagem, que já demonstrava ter problemas psicológicos como ansiedade e depressão, porém não estava em tratamento. Assim, após o pai falecer, ainda continha na casa de Rue muitas caixas de OxyContin e que ela usava para lidar com os problemas psicológicos. Entretanto, é no terceiro capítulo da primeira temporada, em que Rue experimenta o fentanyl. Após utilizar uma gota, em segundos ela apaga, porém agora ela quer uma nova droga: o fentanyl.

Rue é somente uma personagem fictícia, mas a série retrata as angústias e problemas sofridos por uma pessoa que é dependente química de opioides, ou comumente chamado de “OUD” (Opioid Use Disorder) em inglês, que significa o transtorno do uso de opioides. Os sintomas de abstinência do abuso de opioides são tanto físicos quanto psicológicos, assim como retrata Courtwright em “*Dark Paradise*”:

When I refer to opiate addiction, I mean to describe a condition characterized by both physical and psychological dependence is the state in which discontinuance of an opiate will bring on a train of withdrawal symptoms: tearing, sweating, cramps, diarrhea, and so forth. Psychological

dependence can be described as intermittent craving for the drug, even after the detoxification. (COURTWRIGHT, 2001, p.16).

Ao fazer um recorte racial na população estadunidense, é possível notar que há uma desigualdade nas mortes por overdose de opioides em populações negras e brancas. O estudo científico no artigo *“Rising racial disparities in Opioid Mortality and Undertreatment of Opioid Use Disorder and Mental Health Comorbidities in Virginia”* mostra essa disparidade entre raças, além de pessoas brancas (tanto homens quanto mulheres) “serem mais propensas a receberem um tratamento de qualidade para a OUD e após uma overdose” (BRITZ, O’LOUGHLIN, HENRY, “et al”, 2023, p. 4). O estudo mostra também a relação entre a saúde mental e o abuso de substâncias opiáceas.

In 2020, Black males were 1.5 times more likely to die of an opioid overdose than White males (...). In 2015, fatal opioid overdose rates were similar for Black and White females, but by 2020, the proportion of Black female deaths was higher (...). Rates for Black females increased by 129% between 2019 and 2020, nearly 7 times the percentage increase for White females. Most fatal opioid overdoses for both Black and White males and females were due to fentanyl. (BRITZ, O’LOUGHLIN, HENRY, “et al”, 2023, p. 4).

No artigo também é relatado o número geral de mortes por abuso de opioides entre 2015 até 2020: “Between 2015 and 2020, the rate of fatal opioid overdoses in Virginia increased from 10.8 to 25.1 deaths per 100,000 residents, with a 48.5% increase in 2020 alone.” (BRITZ, O’LOUGHLIN, HENRY, “et al”, 2023, p. 4)⁴. A grande maioria dos casos de fatalidade por overdose, durante o tempo utilizado para esse estudo, foi a substância fentanyl, que de acordo com o DEA, é “100 vezes mais potente que a morfina e 50 vezes mais potente que a heroína”. A droga leva a depressão respiratória, o que causa a fatalidade. (DEA, 2024.).

De acordo com o CDC, em um relatório em novembro de 2024, de 1999 até 2022, houve três “ondas” de mortes por overdose de opioide, incluindo as drogas lícitas e ilícitas: A primeira onda acontece de na década de 1990 com os opioides lícitos, porém

⁴ No estudo, analisaram se a saúde mental fosse um fator para que esse grupo buscasse as drogas, porém não houve um linchamento concreto com doenças mentais. Mas o que encontraram, foi que os mesmos motivos que levaram alguns a usarem as substâncias estão ligados à problemas de saúde mental.

ela começa a ter uma taxa alta de morte por overdose de opioides em 1999. A segunda “onda”, começou em 2010 com a alta taxa de mortalidade por heroína, mas que ao longo do tempo, as overdoses por heroína diminuíram. A terceira “onda” começa a partir de 2013, com as mortes causadas por overdose de opioides sintéticos como o fentanyl. A imagem abaixo do CDC mostra esses dados.

Three Waves of Opioid Overdose Deaths

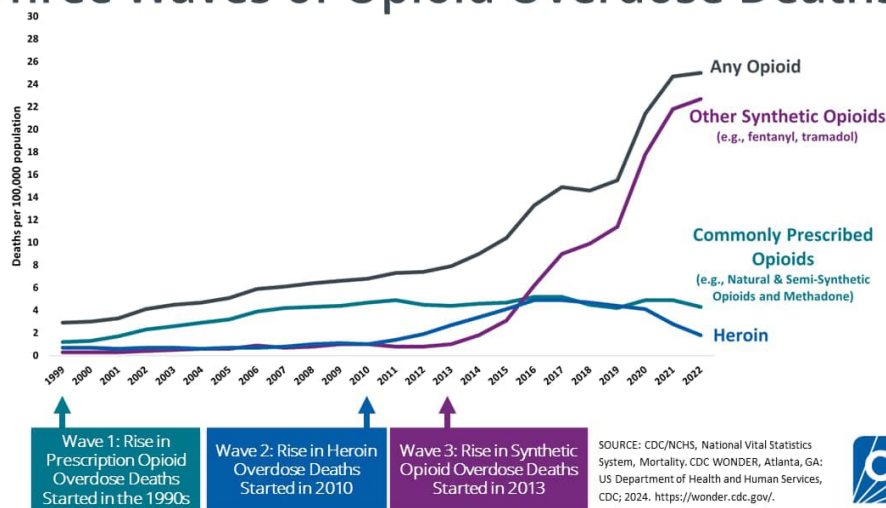


Gráfico do CDC Mortes por overdoses de opioides de 1999-2022 – Relatório de 2024.

O relatório também menciona algumas estatísticas acerca da situação da epidemia de opioides nos EUA: “Aproximadamente 108.000 pessoas morreram de overdose de drogas em 2022 sendo 82.000 por opioides (aproximadamente 76%); o número de pessoas que morreram de overdose de opioide em 2022 é 10 vezes maior que o número de 1999, porém o número de mortes se manteve quase a mesma entre 2021-2022; as mortes relacionadas à heroína diminuíram em 36%; entre 2021-2022 a taxa de morte por overdose envolvendo opioides sintéticos além de metadona (principalmente o fentanyl) aumentou em 4%.” (CDC, 2024).

Entretanto, de acordo com o DEA, em 2023, foram 107.000 mortes por overdose de drogas, sendo 70% causadas pelo fentanyl. Um grupo que tem uma maior inclinação ao abuso de substâncias nos EUA, são os ex-militares, o que não é novidade sobre esse grupo, em específico, fazer uso de drogas lícitas e ilícitas. Como mencionado anteriormente, na Guerra do Vietnã houve relatos de soldados abusando da heroína para lidar com os ferimentos que a guerra trazia.

A partir dos anos 1990, e com o crescimento de drogas lícitas derivadas do ópio como a OxyContin, que tinha como objetivo o alívio de dores crônicas, foi a droga ideal para ex-militares que tinham acabado de voltar da Guerra do Golfo e muitos tinham desenvolvido dores crônicas pelo corpo. Assim, foi receitado em massa esses medicamentos, o que, conseqüentemente, gerou dependência química entre eles, e com o aumento do preço de drogas como a OxyContin, eles passaram a utilizar a heroína.

Como o artigo *“U.S. Military veterans and the opioid overdose crisis: a review of risk factors and prevention efforts”*, expôs: “Moreover, through the 1990s and 2000s, prices per milligram for diverted POs surged, and high street prices combined with diminished access led some people who use opioids to turn to heroin or initiate insufflation and/or injection use of POs as cost-saving measures”. (BENNET, GUARINO, BRITTON, “et al”, 2022, p. 4).

Alguns anos depois, essa pesquisa mostra que a dependência química de opioides por esse grupo, continuou em crescimento, já que “houve um aumento de 65% de mortes por overdose” (BENNET, GUARINO, BRITTON, “et al”, 2022, p. 4), e a partir de 2013, um novo opioide começou a ser amplamente utilizado por este grupo: o fentanyl.

By about 2010, heroin-related overdoses were becoming more common in the U.S. Starting in 2013, illicitly manufactured fentanyl, an array of synthetic analogues of fentanyl, some of them up to 100 times stronger than morphine, was increasingly present in the illegal drug supply. (BENNET, GUARINO, BRITTON, “et al”, 2022, p.4).

Portanto, a epidemia de opioides que afeta atualmente a sociedade norte-americana, foi causada por um processo histórico do uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas derivadas do ópio, datado desde o final do século XIX. Esse processo tornou-se ainda mais explícito no século XX com a ampla utilização de morfina, e o começo da circulação de heroína entre aqueles que queriam uma substância mais potente. E ao final do século XX, tem a criação de uma droga lícita, a OxyContin, que foi amplamente promovida pela indústria farmacêutica.

Para finalizar, além de todos esses opioides, com alto poder viciante, já estarem circulando na sociedade civil, temos a chegada do fentanyl, na década de 2010, uma droga ilícita 100 vezes mais potente que a morfina, e a que mais causa fatalidades por overdose atualmente nos EUA.

5. CONCLUSÃO: COMO UM PROBLEMA DE POLÍTICA EXTERNA AFETA A POLÍTICA INTERNA DOS EUA

Os EUA durante toda a sua história, sempre houve alguma droga, seja lícita ou ilícita, que predominou o uso ou abuso desta dentro da sociedade norte-americana. Um tipo específico de substância que eram comumente consumidas eram as derivadas do ópio ou a substância pura. No final do século XIX foi a prática do fumo de ópio, e logo após, o uso de morfina prescrita pelos médicos sem uma supervisão mais rígida, dada ao alto poder viciante dessas drogas.

E foi com o maior enrijecimento da prescrição da morfina pelo FDA e o “*Harrison Act*”, que o mercado de drogas ilícitas surgiu: o narcotráfico da heroína. A heroína, que surgiu como uma droga pela indústria farmacêutica, logo tornou-se uma droga ilícita pela sua potência ainda maior que a morfina. Começou a ser utilizada nos EUA por aqueles que não possuíam dinheiro para pagar por uma prescrição médica e comprá-la na farmácia.

O proibicionismo implementado pelo governo norte-americano desde o começo do século XX, foi feito de maneira errônea e equivocada. Assim como os autores Nigel Inkster e Virginia Comolli na obra “*Drugs, Insecurity and Failed States: The Problems Of Prohibition*” trabalham com o conceito falho ao inserir o proibicionismo, principalmente ao forçar a implementação deste em países do Sul Global (INKSTER, COMOLLI, 2012, pg. 116).

Mas em 1968 quando na Guerra do Vietnã, que muitos soldados norte-americanos começaram a usar da heroína para lidar com a dor dos ferimentos, que chamou a atenção da mídia dos EUA. Na época, Richard Nixon, viu uma oportunidade para as eleições de 1972: Ao declarar na Casa Branca que “o inimigo público número um dos EUA, são as Guerras Às Drogas”. Foi o discurso que moldou desde então, como o governo lidava com as drogas: a partir daquele momento, elas teriam de ser combatidas.

Isso trouxe um teor de militarização ao afirmar que as drogas ilícitas devem ser “combatidas”. Assim, como grande parte das substâncias ilícitas mais potentes vem do Sul Global, principalmente da América Latina, foi o motivo perfeito para os EUA começarem com ações paramilitares que foram invasivas nos países latinos. Os dois

grandes exemplos foram: O Plano Colômbia e a Iniciativa Mérida. Ambos obtiveram os mesmos resultados: apenas aumentaram a violência e narcotráfico nos países em que foram implementadas.

E esse interesse do governo norte-americano para “combater” as drogas na América Latina, perdura até os dias atuais, com o segundo mandato de Donald Trump (2025), ao acusar o México de ser o responsável pelo narcotráfico nos EUA, e que esse foi um dos motivos pelo qual ele implementou tarifas ao país. Tanto que, o cultivo da papoula do ópio apenas aumentou pela própria demanda estadunidense na década de 1990.

Essa demanda era para suprir o tráfico de heroína, e mais tarde na mesma década, para suprir as demandas da indústria farmacêutica, com a criação da droga OxyContin pela Purdue Pharma em 1996. Houve também uma grande demanda a partir de 1993, pela metanfetamina que provinha do México. Portanto, além da Colômbia com a cocaína na década de 1980, em 1990 o país-alvo para os EUA, é o México.

Por conseguinte, com duas drogas derivadas do ópio sendo contrabandeadas para os EUA, começou a “epidemia de opioides”, já que a droga OxyContin, deixou milhares de norte-americanos viciados na substância, já que não havia uma rigidez na prescrição pelos médicos para a utilização. E para os já dependentes químicos de OxyContin, mas que essa droga já não possuía mais o mesmo efeito de euforia e relaxamento, começaram a migrar para a heroína.

O alto consumo da heroína durou até meados de 2010, quando uma nova droga sintetizada do ópio, começa a ser consumida em massa: o fentanyl. Essa substância, até os dias atuais, é a droga ilícita que mais mata a população norte-americana, com o seu ápice em 2021. A alta taxa de mortalidade por overdose causada por essa droga, deve-se ao fato dela ser 100 vezes mais potente que a morfina. E ela também é contrabandeada pela fronteira México-EUA pelos carteis mexicanos.

E se não fosse pela alta demanda por essa droga, os carteis mexicanos não estariam produzindo em grande massa, tanto que, nos estados mexicanos mais próximos à fronteira, como Baja California e Sinaloa, a população que moram nesses locais acabaram por também serem vítimas dessa demanda americana por opioides, já que pela alta circulação dessas drogas nesses estados, houve um aumento do uso e dependência química de fentanyl nessas áreas. Além do fato, de muitos mexicanos serem obrigados a migrarem desses estados pelos altos índices de violência.

Conclui-se, portanto, que essa “epidemia de opioides” que se faz presente há duas décadas nos EUA, foi culpa pelo próprio Estado norte-americano, ao tratarem das políticas de drogas, como uma questão a ser combatida militarmente, e não a tratarem como uma questão de saúde pública. E pelo governo estadunidense focar em sempre culpabilizar “os outros”, e nunca a própria administração responsável pelo país.

E como os EUA tem um histórico de interferências políticas em países latinos, aproveitaram o discurso de “Guerra Às Drogas” para fazer novas interferências na América Latina. Mas na verdade, esse discurso feito por Nixon em 1971, foi apenas uma tática política para controlar certos grupos sociais, como a população negra, e nos anos seguintes, além da população negra, a população latina, tanto as que vivem na América Latina quanto os latinos que vivem nos EUA.

REFRÊNCIAS

BAUTISTA, Clara Fleiz; MEDINA-MORA, María; Fentanyl and Xylazine on the Northern Border of Mexico: A New Challenge for Drug Health Policy. Setembro-Outubro de 2024. **Salud Mental**. Vol. 47, issue 5.

BBC NEWS. (4 de março de 2025). How does fentanyl get into the US. **Jornal BBC News**. Disponível em: [How does fentanyl get into the US?](#)

BENNET, Alex; GUARINO, Honoria; BRITTON, Peter C; et al. **U.S. Military veterans and the opioid overdose crisis: a review of risk factors and prevention efforts**. *Ann Med*. 2022. pg.4.

BERNARDI. Bruno Borti. **A Guerra Mexicana contra o Narcotráfico e a Iniciativa Mérida: Desafios e Perspectivas**. *Meridiano 47*. vol. 11, n. 120. Julho-Agosto de 2010. pg. 60-65.

BRITZ, O'LOUGHLIN, HENRY, "et al". Rising racial disparities in Opioid Mortality and Undertreatment of Opioid Use Disorder and Mental Health Comorbidities in Virginia. 2023.

BROUWER, Kimberly C; CASE, Patricia; RAMOS, Rebeca. et al. Trends in Production, Trafficking and Consumption of Methamphetamine and Cocaine in Mexico. **National Institute of Health**. 2006. Pg. 1-8.

COURTWRIGHT. David Todd. **Dark Paradise: A History of Opiate Addiction in America**. Harvard University, Department of Sanskrit & Indian Studies. Enlarged Edition. Maio de 2001.

DANIELE, Gianmarco; MOGLIE, Marco Le; MASERA, Federico. Pains, guns and moves: The effect of the U.S. opioid epidemic on Mexican migration. **Journal Of Development Economics**. Vol. 160. pg.4-8. Janeiro de 2023.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **Richard Nixon**. Washington, DC. 17 de Junho de 1971. Disponível em: [President Nixon Declares Drug Abuse "Public Enemy Number One" - YouTube](#).

EUPHORIA. Levinson, Sam; Coleman, Zendaya. HBO. Temporada 1, EP. 1-3. 2019.

INKSTER, Nigel; COMOLLI, Virginia. **Drugs, Insecurity and Failed States: The Problems of Prohibition**. The International Institute for Strategic Studies. Março de 2012. pg. 40-130.

KRASKA, Peter B; KAPPLER, Victor E. Militarizing American Police: The Rise and Normalization of Paramilitary Units. **Social Problems**. Vol, 44, number 1, pg. 1-2. Fevereiro de 1997.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 2016.

MERCADANTE, Maria Aparecida Felix. Da Guerra às Drogas ao Plano Colômbia: uma agenda securitária dos Estados Unidos para a América do Sul. **Revista Neiba, Cadernos Argentina Brasil**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 3-12. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/neiba/article/view/38789>. Acesso em: 18 maio. 2025.

NIDA. (01 de junho de 2021). Fentanyl Drug Facts. **National Institute on Drug Abuse**. Disponível em: <https://nida.nih.gov/publications/drugfacts/fentanyl> on 2025, May 24.

OSPINA, Andrés Guillermo de; TINAJERO, Jorge Hernández; JELSMA, Martin. Poppies, Opium and Heroin: Production in Colombia and Mexico. 2018. pg.23-26. **Transnational Institute**. Amsterdam. Fevereiro de 2018.

PEREIRA, P. J. dos R. (2020). Drugs, Violence, and Capitalism: The Expansion of Opioid Use in the Americas. **Latin American Perspectives**, 48(1), 184-201.

PEREIRA, Paulo; VILLELA, P. Militarização do policiamento: abordagens críticas em perspectiva. *BIB - Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais*, (90), 1–20. Recuperado de <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/482>. 2019.

REINHART, Marcia; SCARPATI, Lauren M; KIRSON, Noam Y. et al. The economic burden of abuse of prescription opioids: a systematic literature review from 2012 to 2017. **Applied Health Economics and Health Policy**. 20 de julho de 2018.

RODRIGUES, Thiago. Narcotráfico e militarização nas Américas: vício de guerra. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais. **Revista Contexto Internacional**. Rio de Janeiro. 2012. Vol. 34, ed. 1.

SANTANA, Leone Henrique Rodrigues. Discursos Na Construção de Inimigos: A Guerra Às Drogas Como Objeto de Intervencionismo E Repressão de Grupos Sociais. CSOnline

- **REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, (25)**. Pontíficia Universidade Católica do Rio De Janeiro. 2018. pg. 267.

SILVA, Caroline Cordeiro Viana. Plano Colômbia: securitização do narcotráfico pelos Estados Unidos da América. **Conjuntura Global**, Vol. 4, n. 2, maio/ago., 2015, p. 124-132.

UK ADDICTION TREATMENT CENTRES. Heroin: The hidden enemy in the Vietnam War. **UK Addiction Treatment Centers**. 28 de março de 2025. Disponível em: [Heroin: The hidden enemy in the Vietnam War - UK Addiction Treatment Centres](#)

UNITED NATIONS. **History of Heroin**. UN, 1 de janeiro de 1953. Disponível em: [UNODC - Bulletin on Narcotics - 1953 Issue 2 - 003](#) .

UNITED STATES DRUG ENFORCEMENT ADMINISTRATION. **Facts About Fentanyl**. DEA, 2024. Disponível em: [Facts about Fentanyl](#).

U.S. CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Understanding the Opioid Overdose Epidemic**. CDC, 1 de Novembro de 2024. Disponível em: [Understanding the Opioid Overdose Epidemic | Overdose Prevention | CDC](#)